



METODOLOGIAS ATIVAS NA ABORDAGEM DA VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES ESCOLARES

Marianne Lira de Oliveira*
Cássio Eduardo Soares Miranda*

DOI: <https://doi.org/10.23901/1679-4605.2021v17p341-349>

RESUMO

Objetivo: Descrever metodologias ativas na abordagem da violência contra crianças e adolescentes escolares. **Metodologia:** Trata-se de um relato de experiência referente à oficina “Práticas participativas na abordagem à violência contra crianças e adolescentes”, tendo sido ministrada por duas vezes em meses alternados, com duração média de 03 horas e 20 participantes em cada oficina. **Resultados:** A participação foi total em todas as práticas propostas nas oficinas, com alternância de participantes e discussão coletiva ao fim de cada momento. Concomitantemente, a interação também foi satisfatória, tendo em vista que o diálogo não se limitou apenas ao que estava sendo desenvolvido na oficina, mas também permitiu a exposição de situações vivenciadas na rotina de trabalho, dúvidas recorrentes e desafios já enfrentados na abordagem da violência infanto-juvenil em sala de aula. **Conclusão:** As metodologias ativas comprovaram sua efetividade no estímulo à participação e interação entre os participantes e foram consideradas exequíveis e promissoras no cotidiano laboral da escola.

Palavras-chave: Violência; Criança; Adolescente.

ACTIVE METHODOLOGIES TO ADDRESS VIOLENCE AGAINST CHILDREN AND TEENAGERS IN SCHOOL

ABSTRACT

Objective: To describe active methodologies for addressing violence against school children and adolescents. **Methodology:** This is an experience report concerning the workshop “Participatory Practices in Addressing Violence against Children and Adolescents”, which was conducted on two occasions, one month apart, with average duration of 3 hours and with 20 participants. **Results:** There was full participation in all the activities proposed in the workshops, with alternation of participants and collective discussion at the end of each activity. At the same time, the interaction was also satisfactory, considering that dialogue was not limited to the activities during the workshop itself, but also extended to discussion of situations experienced in the work routine, recurring doubts, and challenges already faced in addressing child and youth violence in

* Mestrado em Saúde e Comunidade pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Contato: marianne-lira.15@hotmail.com.

† Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Doutorado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Contato: cassioedu@ufpi.edu.br.

the classroom. **Conclusion:** The active methodologies were effective in stimulating participation and interaction among the participants, and their adoption in the daily work of the school was considered feasible and promising.

Keywords: Violence; Child; Adolescent.

METODOLOGÍAS ACTIVAS EN EL ENFOQUE DE LA VIOLENCIA CONTRA LOS NIÑOS Y LOS ADOLESCENTES EN EDAD ESCOLAR

RESUMEN

Objetivo: Describir metodologías activas para abordar la violencia contra niños y adolescentes en edad escolar. **Materiales y métodos:** Este es un informe de experiencia referente al taller "Prácticas participativas en el enfoque de la violencia contra niños y adolescentes", que se llevó a cabo dos veces entre los meses de abril y junio, con una duración media de 3 horas y con 20 participantes en cada taller. **Resultados:** en ambos talleres, la participación fue unánime en todas las prácticas propuestas, con alternancia de participantes y discusión colectiva al final de cada momento. Simultáneamente, la interacción también fue satisfactoria teniendo en cuenta que el diálogo no se limitó a lo que se estaba desarrollando en el taller, sino que también permitió la exposición de situaciones experimentadas en la rutina laboral, dudas recurrentes y desafíos que ya se enfrentan al abordar la violencia infantil y juvenil en el aula. **Conclusión:** Las metodologías activas demostraron su efectividad para estimular la participación e interacción entre los participantes y se consideraron factibles y prometedoras en el trabajo diario de la escuela.

Palabras clave: Violencia; Niños; Adolescentes.

INTRODUÇÃO

A violência contra crianças e adolescentes é um fenômeno que permeia o cenário nacional há anos e independe de classes sociais, educacionais e culturais. Esse público tem uma vulnerabilidade acentuada por suas características próprias de desenvolvimento corporal, formação de personalidade e dificuldades em criar estratégias de defesa e autoproteção contra os maus-tratos (FERREIRA *et al.*, 2017). Desse modo, crianças e adolescentes são muito suscetíveis a agressões físicas, sexuais, psicológicas ou a casos de negligência e abandono, que têm aumentado os indicadores de morbimortalidade nessas faixas etárias. Diante disso, a Organização Mundial de Saúde (OMS) passou a considerar a violência infanto-juvenil uma questão de saúde pública (MARINHO; AGUIAR, 2019).

Os eventos violentos que envolvem crianças e adolescentes têm múltiplas consequências físicas, psicossociais e comportamentais, sendo que sua gravidade está relacionada à frequência, duração e vínculo com o agressor (ANDRADE *et al.*, 2018). Assim, ao considerar a diversidade nas tipologias de violência e nos efeitos que ela causa, é possível reconhecer a relevância da qualificação da assistência às vítimas que atuará no acolhimento, manejo dos casos e captação de recursos setoriais e intersetoriais para o atendimento nestas situações (MARINHO; AGUIAR, 2019).

Nesse sentido, a capacitação de profissionais transcende o simples reconhecimento dos dispositivos que compõem a rede de apoio e proteção às crianças e adolescentes vitimizados. Esse processo deve ser capaz de conscientizar e habilitar os profissionais de diversos setores para identificar os casos suspeitos ou confirmados da maneira mais precoce possível, além de denunciar, em observância aos preceitos legais, todos os maus-tratos infanto-juvenis que forem identificados (COELHO; FRANZIN, 2014).

Embora a escola seja um espaço privilegiado para a interação entre pares e o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, ela, no entanto, também tem sido citada pela literatura como um lugar onde as agressões ocorrem, seja pela dificuldade no convívio social entre os escolares ou como reverberação dos atos violentos vivenciados no ambiente extraescolar (LIMA; NASCIMENTO, 2018). Isto posto, fica atribuído ao professor o papel de mediar os conflitos que, por vezes, não foram contemplados em sua formação pedagógica, o que dificulta a atuação docente frente aos casos de violência infanto-juvenil. Somada a essa questão está a incerteza sobre a abordagem mais efetiva para o diálogo sobre esse tema transversal (RIBEIRO; BARBOSA, 2018).

Nessa perspectiva, as metodologias ativas surgem como uma ferramenta para fomentar a aprendizagem ativa, cooperativa e baseada em problemas, oportunidade em que as práticas favorecem a participação dos escolares e estimulam o pensamento crítico. Nas metodologias ativas utilizam-se métodos interativos e simulações a partir de um problema norteador, de modo que a solução é construída de maneira coletiva permitindo-se a ação e a comunicação e não apenas o “consumo de ideias pré-concebidas” (LATINI *et al.*, 2018; PINTO *et al.*, 2012). Assim, é possível reconhecer que as metodologias ativas já têm apresentado resultados satisfatórios quando implementadas no processo de ensino de disciplinas como geografia e educação física utilizando problemas reais (PEREIRA; KUENZER; TEIXEIRA, 2019). Baseado nisto, o presente relato objetiva descrever metodologias ativas na abordagem da violência contra crianças e adolescentes escolares.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência referente à oficina “Práticas participativas na abordagem à violência contra crianças e adolescentes”, tendo sido ministrada por duas vezes em meses alternados, abril e junho de 2019, durante o desenvolvimento do projeto de extensão “Violência infanto-juvenil: perspectivas e atualidades”. Este projeto foi desenvolvido por meio da parceria entre a Universidade Federal do Piauí, Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Psicanálise Educação e Contemporaneidade (NIPSEC) e Secretaria Municipal de Educação de Chaval-CE na perspectiva da educação continuada sobre as diversas tipologias da violência infanto-juvenil.

Dessa oficina participaram professores e gestores de escolas públicas municipais, além de profissionais dos dispositivos que compõem a rede de saúde e assistência a crianças e adolescentes na cidade de Chaval-CE. O local disponibilizado para o desenvolvimento das práticas foi o auditório da secretaria municipal de educação e teve uma média de 20 participantes em cada oficina, totalizando 40 pessoas. A duração média de cada oficina foi de 03 horas e as metodologias ativas desenvolvidas se alternavam de acordo com a participação dos presentes e o tempo limite para o encerramento.

A mediadora iniciou o momento da oficina com uma dinâmica intitulada “Como estou entrando e como estou saindo” e, sem explicar detalhes, os participantes deveriam escrever uma palavra sobre como estavam se sentindo antes de iniciar a oficina. Essa

dinâmica só se completa ao fim da oficina, quando os participantes deveriam escrever como estavam se sentindo ao seu término. Em seguida, a prática de apresentação foi intitulada “Quem é você? De onde veio? E para onde vai?” convidando todos a que falassem sem ordem determinada e de maneira voluntária.

Logo após, foram feitos questionamentos sobre o que os presentes sabiam sobre metodologias ativas e sobre violência, sendo o diálogo conduzido por mais uma prática, denominada “O que você sabe e o que eu sei?”, criada na perspectiva de valorizar o saber popular associado ao saber técnico como complementares. Inicialmente, vários balões coloridos foram amarrados a um fio de lã e os participantes eram convidados a estourar um por vez para responder a pergunta que se encontrava em cada um deles.

A fim de facilitar a compreensão dos participantes, durante a oficina, as metodologias ativas foram divididas em “acolhimento”, “intervenção” e “retorno das atividades”. No entanto, foi esclarecido que todas as práticas apresentadas eram mutáveis e poderiam ser utilizadas em inúmeras situações, de acordo com a necessidade e vontade do mediador.

Dentre as práticas de acolhimento foram citadas “Tempestade de ideias”, momento em que uma questão norteadora permite que cada um expresse sua opinião sobre o assunto; “Práticas de relaxamento”, como massagem, respiração e corredor do cuidado; “Lavagem de roupa suja”, que propõe que cada participante eleja uma causa para um problema pré-determinado e ele mesmo é desafiado a pensar numa solução para a situação citada; “Dança dos olhares”, uma dança circular em que todos devem buscar o olhar do outro ao som de uma música; “Caixa de afeições” onde cada um é convidado a depositar um objeto, foto ou desenho dentro de uma caixa para depois contar sua história de afeto com o que trouxe para a dinâmica.

Ao falar sobre as metodologias ativas que poderiam ser utilizadas como intervenção foram mencionadas “Tenda do conto”, que utiliza uma mesa onde os objetos serão colocados e uma cadeira ao lado para que o participante se sente, sendo que a ideia é utilizar a simbologia, os afetos e sentidos para relatar histórias e vivências a partir dos objetos; “Vivência do corpo”, que estimula os participantes a pensarem sobre um problema ou tema a partir da sua composição, como o próprio corpo humano; “Júri popular”, uma prática que propõe a encenação de um problema com defesa e acusação, como num júri real, quando os participantes são instigados a argumentar e criar soluções para o tema; “Teatro jornal”, que também utiliza a simulação para demonstrar uma cena que os demais participantes devem modificar na tentativa de solucionar os problemas colocados.

Quanto à avaliação das atividades, o momento de receber o retorno do que foi desenvolvido, foram apresentadas “Rodas de conversa”; “Ciranda”; “Dinâmica Que pena! Que bom! Que tal?”, que indaga sobre os pontos positivos, negativos e o que pode ser melhorado nas metodologias ativas e em sua utilização.

O presente trabalho não foi submetido para a apreciação pelo comitê de ética e pesquisa por se tratar de um relato de experiência que aborda apenas a ótica da mediadora e preserva todos os dados pessoais dos participantes, garantindo-se, assim, o anonimato destes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em ambas as oficinas, a participação foi unânime em todas as práticas propostas, com alternância de participantes e discussão coletiva ao fim de cada momento.

Concomitantemente, a interação também foi satisfatória tendo em vista que o diálogo não se limitou ao que estava sendo desenvolvido na oficina, mas também permitiu a exposição de situações vivenciadas na rotina de trabalho, de dúvidas recorrentes e de desafios já enfrentados na abordagem da violência infanto-juvenil em sala de aula.

Durante a apresentação individual dos participantes, foi possível identificar que a maioria destes era docente da rede pública de ensino de Chaval-CE, trabalhando na área há cerca de 10 anos. Todos relataram que, apesar das dificuldades estruturais, econômicas e disciplinares que surgiam no exercício da profissão, não conseguiam se imaginar em outro local de trabalho.

Na prática “O que você sabe e o que eu sei?”, perguntas sobre os tipos de violência contra crianças e adolescentes, os possíveis sinais de reconhecimento dos casos e forma de classificá-los foram colocadas dentro de balões. A partir daí, um participante por vez se levantava e estourava um balão para ler a pergunta em voz alta e questionar em grupo a resposta. Esse momento foi relevante para a construção de uma definição de violência baseada no que os participantes já haviam vivenciado, além de permitir a percepção da violência física como a mais frequente nos discursos.

A utilização de oficinas como um recurso teórico-prático para mediar a discussão sobre as metodologias ativas na abordagem da violência foi considerada efetiva na experiência relatada. Somada a isso, a vivência prática de algumas metodologias citadas foi outro aspecto que facilitou a compreensão, participação e interação dos participantes. Todavia, as oficinas já são incorporadas nas formações pedagógicas há bastante tempo, priorizando o objetivo comum de construir meios para melhorar a aprendizagem dos alunos em disciplinas específicas ([BAALBAKI et al., 2016](#)). No entanto, os momentos lúdicos que envolvem vídeos e jogos são avaliados de modo mais satisfatório pelos professores participantes, que confirmam a maior facilidade em aprender brincando ([FRANCISCO JÚNIOR; OLIVEIRA, 2015](#)).

Nesse relato de experiência, os indivíduos foram convidados a participar de acordo com sua disponibilidade e interesse pela formação. A maioria dos participantes era docente e com um tempo médio de dez anos de serviço, fato que contrapõe outros estudos que afirmam uma relação inversamente proporcional entre tempo de trabalho e busca por capacitação. Além disso, o compromisso social de docentes é reconhecido pela literatura, o que reafirma o papel profissional do professor na formação educacional e humana dos discentes ([CHRIZOSTIMO; BRANDÃO, 2017](#)). Em contraponto, alguns fatores dificultam o processo de trabalho dos professores, como a baixa remuneração, problemas estruturais na escola e a indisciplina dos escolares, o que caracteriza um exercício laboral potencialmente adoecido e sobrecarregado ([MOREIRA; RODRIGUES, 2018](#)).

Os conceitos construídos e o levantamento das experiências deram-se também por meio da “Tempestade de ideias”, o que confirmou as agressões físicas como as mais comuns no convívio intraescolar e extraescolar. Em contraponto, a “Dança dos olhares” foi um momento de silenciar com o objetivo de integrar os participantes apenas pelos olhares. Como retorno desse momento, os presentes afirmaram que a vivência dessa metodologia ativa é potente para o acolhimento do grupo, principalmente na abordagem de temas sensíveis como a violência. Essa prática foi inclusive citada em outro momento como uma estratégia exequível durante a reunião de pais que, por vezes, se mostravam resistentes ao diálogo sobre temas transversais no ambiente escolar.

A abordagem da violência como tema transversal na formação de professores apresenta dificuldades específicas relacionadas à própria escassez de capacitações

sobre o tema e fragilidade na rede de apoio diante das notificações realizadas ([PEDROSA et al., 2016](#)). Concomitantemente, o número de casos de violência na escola tem crescido de maneira alarmante. Envolvendo todas tipologias das agressões que ocorrem dentro e fora do ambiente escolar, é este outro aspecto que dificulta a identificação e tensionamento da rede de proteção das vítimas. Ainda assim, alguns professores afirmam que, se o corpo docente se empenhasse mais, a identificação e manejo dos casos poderiam ser melhorados, o que demonstra a vontade e a disponibilidade dos docentes para qualificações sobre o tema ([ELSESEN et al., 2011](#)).

Por sua vez, a “Vivência do corpo” propôs o desafio de pensar na violência como um corpo humano e, desse modo, cada um deveria escrever uma palavra ou desenhar algo que representasse o tema discutido. Assim, surgiram arranhões no braço, manchas roxas no olho e machucados na perna como uma menção à violência física. Também desenharam o coração partido, a cabeça machucada e a boca amordaçada em alusão à violência psicológica, além das palavras: tristeza, dor e choro.

No “Teatro jornal” retratou-se uma cena de *bullying*, e os participantes foram divididos em dois grupos, onde um deles interpretava a agressão verbal a uma aluna que tinha sobrepeso e o outro foi desafiado a alterar a cena na tentativa de resolver o problema. Nesse momento, não somente foi possível reconhecer as dificuldades em abordar e reverter casos de violência no ambiente escolar, mas também se tornaram possíveis o diálogo e construção coletiva de uma solução, fosse esta acionar a direção, marcar reunião com os pais ou incluir o tema nas disciplinas do próprio plano político pedagógico da escola.

A “Ciranda” foi a prática que resultou em mais relatos sobre a infância e de como o brincar pode ser utilizado no processo de educação ativa. Dessa forma, ao serem convidados a falar sobre os pontos positivos e negativos da oficina e das metodologias ativas no “Que bom! Que pena! Que tal?”, os participantes disseram que foram boas as vivências de todas as práticas e que algumas delas podem ser reformuladas a partir do tema e do público que se deseja trabalhar. No entanto, como ponto negativo foi citado o tempo que argumentaram ser insuficiente para tantas práticas que gostariam de ter testado.

O presente relato de experiência mostra-se como proposta exitosa para fomentar o diálogo e a identificação mais efetiva e precoce dos casos de violência que ocorrem ou reverberam dentro da escola. Esse tipo de capacitação é previsto legalmente e apresenta como objetivos principais o fortalecimento das notificações, prevenção dos casos e promoção da cultura de paz, sendo essenciais no enfrentamento dos altos índices de violência contra crianças e adolescentes ([VIEIRA et al., 2015](#)).

A violência física foi o tipo de agressão mais citado pelos participantes, tendo em vista as lesões visíveis serem mais facilmente reconhecidas. No entanto, a literatura publicada nos últimos três anos sobre o tema tem revelado a maior frequência de notificações de violência sexual infanto-juvenil. Como exemplo de caracterização desse tipo de violência, uma pesquisa identificou maior frequência de notificações de violência sexual entre estudantes do sexo feminino, matriculadas em escolas públicas e cor da pele parda ([SANTOS et al., 2019](#)).

O retorno final foi satisfatório para a mediadora e, como resultado do “Como estou entrando e como estou saindo”, surgiram palavras como “curiosidade”, “ansiosa”, “aprendizagem”, “entusiasmo”, “conhecimento”, “felicidade”, “motivada”, “informado” e “satisfeito”. Essas palavras foram uma forma de avaliar se as expectativas tinham sido alcançadas e, principalmente, se as práticas foram consideradas exequíveis.

CONCLUSÕES

As metodologias ativas consistem na utilização de estratégias e atividades práticas com o objetivo de favorecer a aprendizagem ativa e participativa, de forma que o educando é considerado mais que um agente passivo do processo de ensino-aprendizagem. Esse tipo de metodologia já tem sido implementado e avaliado de maneira satisfatória em disciplinas curriculares como geografia e educação física, o que sugere a efetividade desse recurso diante de outros temas.

A violência contra crianças e adolescentes é um fenômeno complexo que perpassa a história da humanidade e deve ser abordado nos mais diversos âmbitos, dentre os quais a escola. Diante da necessidade de informar e conscientizar sobre os efeitos deletérios das agressões, bem como das formas de enfrentamento, métodos que incorporam a ludicidade em meio ao diálogo foram favoráveis para a efetiva compreensão do assunto. Além disso, as práticas participativas possibilitaram o lugar de voz para todos os participantes que se reconheceram como parte do processo de construção.

Frente a isso, o presente relato de experiência demonstrou a possibilidade real de desenvolvimento de um trabalho teórico-prático voltado para a temática da violência infanto-juvenil a partir da parceria entre a Universidade Federal do Piauí e a Secretaria municipal de educação da cidade de Chaval-CE. E, por meio das experiências descritas pelos participantes, torna-se perceptível a relevância de se propor alternativas lúdicas e interativas na abordagem da violência contra crianças e adolescentes que favoreçam o diálogo transversal, a identificação e o manejo dos casos.

Sendo assim, as metodologias ativas comprovaram sua efetividade no estímulo à participação e interação entre os participantes e foram consideradas exequíveis e promissoras no cotidiano laboral da escola. Além disso, as práticas participativas despertaram o entusiasmo e a motivação dos participantes ao serem reveladas como uma alternativa para dialogar e educar sobre um tema sensível, como a violência, por meio de atividades lúdicas.

SUBMETIDO EM: 08/12/2019.

ACEITO EM: 05/08/2021.

REFERÊNCIAS

[ANDRADE, C. S. S. et al.](#) Notificação da violência física e sexual de crianças e adolescentes: o papel do sistema de vigilância de violências e acidentes/VIVA. **Revista de Saúde Coletiva da UEFS**, v. 8, p. 46-53, 2018.

[BAALBAKI, A. C. F. et al.](#) Oficinas para professores: português como segunda língua para alunos surdos. **Revista Ciência em Extensão**, v. 12, n. 1, p. 129-145, 2016.

[CHRIZOSTIMO, M. M.; BRANDÃO, A. A. P.](#) Perfil dos professores e formação profissional com compromisso social: Estudo de caso. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 08, n. 2, p. 21-27, 2017.

COELHO, F. J; FRANZIN, L. C. S. Violência doméstica infanto-juvenil: Importância deste conhecimento pelo profissional da saúde. **Revista Uningá Review**, v. 20, n. 2, p.104-108, 2014.

ELSEN, I. et al. Escola: Um espaço de revelação da violência doméstica contra crianças e adolescentes. **Psicologia e Argumento**, v. 29, n. 66, p. 303-314, 2011.

FERREIRA, A. P. R. L. et al. Violence against children and adolescents in the gender perspective: empowering to know and prevent. **ReonFacema**, v. 3, n. 4, p. 775-779, 2017.

FRANCISCO JÚNIOR, W. E; OLIVEIRA, A. C. G. Oficinas Pedagógicas: Uma Proposta para a Reflexão e a Formação de Professores. **Relatos de sala de aula**, v. 37, n. 2, p. 125-133, 2015.

LATINI, R. M. et al. Contribuição de metodologias participativas como prática mediadora em educação química e ambiental. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 17, n. 2, p. 290-308, 2018.

LIMA, R. B; NASCIMENTO, J. M. Violência das/nas escolas e a ação da polícia militar: Uma perspectiva de segurança pública com cidadania. **South american, journal of basic education, technical and technological**, v. 5, n. 2, p. 275-288, 2018.

MARINHO, R. A. Q. C; AGUIAR, R. S. A atenção primária como eixo estruturante da redução dos indicadores de violência contra crianças e adolescentes. **REVISA**, v. 8, n. 2, p. 228-41, 2019.

MOREIRA, D. Z; RODRIGUES, M. B. Saúde mental e trabalho docente. **Estudos de Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 236-247, 2018.

PEDROSA, S. M. et al. Violência no contexto escolar: significados para professores do ensino público. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 15, n. 3, p. 397-404, 2016.

PEREIRA, A. M. O; KUENZER, A. Z; TEIXEIRA, A. C. Metodologias ativas nas aulas de Geografia no Ensino Médio como estímulo ao protagonismo juvenil. **Educação**, v. 44, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao>. Acesso em: 08 de julho de 2019.

PINTO, A. S. S. et al. Inovação Didática - Projeto de Reflexão e Aplicação de Metodologias Ativas de Aprendizagem no Ensino Superior: uma experiência com "peer instruction". **Janus**, n. 15, 2012.

RIBEIRO, M. I; BARBOSA, M. A. A violência e suas manifestações na sala de aula: o olhar de pibidianos da licenciatura em matemática sobre o tema. **Interdisciplinary Scientific Journal**, v. 5, n. 5, p. 55, 2018.

SANTOS, M. J. et al. Prevalência de violência sexual e fatores associados entre estudantes do ensino fundamental – Brasil, 2015. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 2, p. 535-544, 2019.

[VIEIRA, L. J. E. S. et al.](#) Capacitação para o enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes em quatro capitais brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 20, n. 11, p. 3407-3416, 2015.